



Joaquim Pinheiro
Carmen Soares
(coords.)

PATRIMÓNIOS ALIMENTARES DE AQUÉM E ALÉM-MAR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**“VERSA ET MANDUCA!” ALIMENTO
E SOFRIMENTO NAS PAIXÕES DOS MÁRTIRES**
“Versa et manduca!” Food and Suffering in the Passions of the Martyrs

ANDRÉ SIMÕES
Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras,
Centro de Estudos Clássicos

RESUMO: O alimento físico e espiritual nas paixões dos mártires da Antiguidade tardia e Alta Idade Média. Da saciedade física motivada pela intervenção divina à oferta irónica do corpo para alimento do perseguidor: análise de passos exemplificativos das paixões de São Vicente de Saragoça, São Cucufate de Barcelona, Santa Eulália de Mérida e São Lourenço de Roma.

PALAVRAS-CHAVE: hagiografia, paixões dos mártires, filologia latina medieval, literatura latina medieval, latim medieval

ABSTRACT: Physical and spiritual nourishment in the martyrs' passions from late Antiquity and High Middle Ages. From physical satiety to the ironic offering of the body to nourish the persecutor: an analysis of some examples from the passions of Saint Vincent of Zaragoza, Saint Cucufas of Barcelona, Saint Eulalia of Merida and Saint Lawrence of Rome.

KEYWORDS: agiography, martyrs' passions, Medieval Latin philology, Medieval Latin literature, Medieval Latin

Uma paixão é o relato de um martírio, com os interrogatórios e os tormentos infligidos ao santo. Constitui além disso o panegírico do mártir tendo, assim, uma função catequética, na medida em que faz eco (do grego *katecheo*, “ecoar”, “ressoar”) das suas virtudes, entendidas como modelo a seguir pela comunidade. As paixões mais antigas têm na sua origem os registos feitos por testemunhas dos factos, ou os próprios registos oficiais romanos, obtidos pelos fiéis. A estes raríssimos textos, destruídos pelo tempo ou pelas perseguições, convencionou-se chamar “actas proconsulares”¹. Trata-se de relatos marcados pela concisão dos diálogos e pela sobriedade da caracterização conferida aos juizes romanos, tantas vezes dominados pela perplexidade e mesmo alguma aflição perante a inflexibilidade dos réus, a quem é de balde oferecida a possibilidade de se salvarem mediante um mero sacrifício aos deuses e aos imperadores. Já as chamadas “paixões épicas”, na consagrada designação de

¹ AIGRAN 2000: 132

Hippolyte Delehaye², constituem o essencial dos textos chegados até nós. Trata-se de relatos compostos bastante tempo após os factos, quando não estão mesmo totalmente desligados da realidade, referindo-se a mártires inexistentes ou pelo menos a desdobramentos do mesmo santo. De entre os muitos exemplos que poderíamos assinalar, tomemos o caso de Santa Eulália de Barcelona, que de acordo com a generalidade dos estudiosos não passa de um piedoso desdobramento da lusitana Santa Eulália de Mérida, martirizada nos alvares do século IV. Compostos muito tempo após os factos, estes relatos têm geralmente como única base mais ou menos sólida o nome e o local de martírio, deixando assim terreno livre para a piedosa inventiva dos hagiógrafos, que recorrendo a outros textos hagiográficos ou às próprias Escrituras vão preenchendo a narrativa com longos e inverosímeis diálogos entre os mártires e os juizes, que revelam surpreendentes conhecimentos de teologia cristã, tudo isto temperado por uma crueldade diabólica traduzida nos suplícios atrozes a que vão submetendo os mártires, com a intenção de os desviarem do caminho de Deus³. A assistência divina não abandona os santos, contudo, e é assim frequente a cura miraculosa que lhes permite continuar a sofrer a crueldade do inimigo, mas que é sobretudo motivo para a demonstração hiperbolizada da constância e firmeza da fé do mártir, modelo a seguir pela comunidade dos crentes. Não surpreende, pois, que sejam frequentes as falhas na construção da verosimilhança narrativa. Veja-se o caso de São Félix de Gerona (BHL⁴ 2864), cujas pernas são descarnadas até ao osso, o que não o impede de se conseguir manter de pé perante o seu algoz. Porventura um dos casos mais paradigmáticos é o de São Julião de Antioquia, que na verdade não é de Antioquia mas de Antínoo (Egipto)⁵, e cuja fabulosa paixão latina (BHL 4529-4531) é um verdadeiro compêndio de tópicos hagiográficos a que não faltam todos os mais extraordinários milagres, incluindo ressurreições, curas milagrosas, terramotos, jorros de fogo subterrâneo, tudo isto intercalado com tormentos cruéis e ataques de fúria diabólica por parte do juiz, e o martírio não só de Julião mas de um número incontável de companheiros ao longo da narrativa⁶.

A quantidade e qualidade por vezes inverosímil de tormentos é, como dissemos, uma das características mais marcadas das chamadas paixões épi-

² DELEHAYE 1921

³ DELEHAYE 1921: *passim*

⁴ Recorremos ao catálogo bolandista BHL: *Bibliotheca Hagiographica Latina*.

⁵ A paixão grega situa correctamente o martírio em Antínoo. A tradução latina, contudo, apresenta em todos os manuscritos por nós estudados variantes da forma “Antiochia”. A confusão poderá dever-se quer a uma leitura incorrecta da abreviatura “Ant.”, quer a uma confusão com a posterior trasladação das relíquias para Antioquia (para um maior desenvolvimento veja-se ALWIS 2003.)

⁶ Para uma tradução portuguesa da paixão de São Julião veja-se SIMÕES 2015.

cas. Implicam necessariamente a agressão física do mártir e recuperam na maior parte dos casos as práticas e instrumentos de tortura romanos, como o cavalete, as garras metálicas destinadas a descarnar os membros, ou o fogo nas suas mais variadas formas e aplicações, das chamas que devoram Santa Eulália de Mérida⁷ às chapas metálicas que crestam o corpo de São Vicente de Saragoça⁸ (BHL 8628-8631), passando inevitavelmente pela grelha onde foram assados São Cucufate de Barcelona⁹ e São Lourenço¹⁰, para referir apenas alguns exemplos mais conhecidos.

A paixão de São Vicente de Saragoça é, no estado em que chegou até nós, um texto visigótico de datação incerta, provavelmente anterior a 550, embora circularassem já anteriormente outras versões, de acordo com o testemunho de Prudêncio¹¹. O texto hispânico é um bom exemplo do que dissemos sobre as paixões épicas, com a sua profusão de milagres e aquela figura fabulosa mas certamente lendária do governador Daciano, dominado por uma ira cega e incontrolável. Citemos a título de exemplo as suas reacções após as primeiras trocas de palavras com Vicente, das quais sai derrotado:

8. Clamare Datianus coepit et in tortores suos et carnifices ipso illo furore bacchari: uirgis, fustibus milites caedere, et in suos amplius desaeuire. [...] 9. Summa uoce diabolus fremens, rabidores intonare sermones, stridore dentium frendere et, dum martyrem lacerat, seipsum potius laceraret¹².
(ed. SAXER 2002)

A fúria do governador traduz-se também na prescrição de mais e mais tormentos cruéis, e é neste ponto que nos aproximamos daquilo a que, com uma pitada de humor negro, poderíamos designar como a descrição de um banquete antropófago – sem que essa barreira seja, adiantamos, alguma vez ultrapassada, nos textos que temos estudado. Assim, depois de dependurar Vicente do cavalete, depois de lhe serem desconjuntados os membros e dilaceradas as carnes, Daciano determina que sejam aplicadas sobre o corpo do mártir barras de ferro em brasa, e aspergidas as feridas com sal:

⁷ Para uma tradução portuguesa da paixão de Santa Eulália veja-se SIMÕES 2012.

⁸ Para uma tradução portuguesa da paixão de São Vicente veja-se ALBERTO 2012.

⁹ Para uma tradução portuguesa da paixão de São Cucufate veja-se FIGUEIRAS 2013.

¹⁰ Para uma tradução portuguesa da paixão de São Julião veja-se SIMÕES 2013.

¹¹ ALBERTO 2012: 21.

¹² “Daciano desatou aos berros e a correr tresloucado pelo meio dos torcionários e verdugos, a flagelar os seus próprios soldados com as varas e bastões, a soltar ainda mais selvaticamente a sua fúria contra os seus. [...] O Diabo pôe-se então a gritar com uivos medonhos, a vociferar ordens cheias de raiva, a ranger os dentes, a flagelar-se mais a si próprio enquanto flagela o mártir.” (ALBERTO 2012: 36-37)

15. [...] Inprimuntur ardentis pectori laminae, et liquefactus inter ipsas candentes ferri acies, liquor guttis, flamma stridente, respergitur. Vulnere uulneribus infiguntur et supra tormenta desaeuiunt. Sales, ignibus adpersi, crepitantes minutis, per membra dissiliunt, et iam non ad artus, sed ad ipsa uiscera tela iaculantur [...].¹³
(ed. SAXER 2002)

São Vicente sobreviveu, no entanto, ao suplício, sempre de cara alegre e ânimo forte, e foi apenas após mais uma série de sangrentos suplícios que acabou por entregar a alma. Ainda que a intenção do salgar das feridas fosse destinada a agudizar e prolongar o sofrimento, na medida em que o salgamento da carne é um conhecido método de conservação, não deixa de ser tentador ler aqui uma tentativa por parte dos hagiógrafos de tornar ainda mais bestiais os algozes do mártir, ao assimilar nem que seja de forma apenas sugerida a tortura ao mais animalesco dos crimes, o canibalismo.

Este processo é descrito de forma mais explícita em outra paixão visigótica, a de São Cucufate (BHL 1999), martirizado em Barcelona em 303 ou 304, na sequência das perseguições de Diocleciano. O texto latino é provavelmente do século VIII, e inspira-se em outras paixões, concretamente as de São Vicente, São Lourenço e São Félix de Gerona¹⁴. Também ela uma paixão épica, encontra-se recheada de milagres, ora reconstituintes do mártir ora penalizadores dos seus verdugos. Assim, quando após uma primeira sessão de tormentos as vísceras de São Cucufate são expostas, a sua visão cega os soldados que haviam provocado tal crueldade. Ora, é na sequência do primeiro interrogatório, levado a cabo pelo próprio Maximiano (e esta é mais uma característica das paixões épicas, a intervenção directa dos imperadores perseguidores), que São Cucufate é preparado como que para repasto dos seus algozes:

Maximianus accensus furore iussit eum in craticula assari et super eum acetum et sinapem perfundi. Quumque completum fuisset quod iusserat, Dei misericordia prestante, nihil ista nocuerunt sancto uiro.¹⁵
(ed. RIESCO CHUECA 1995)

¹³ “Fincam lâminas em brasa no seu peito, regam-no com o líquido fundido que goteja das barras de ferro incandescentes nas estrepitosas chamas. Feridas são infligidas sobre feridas, e sobre elas as torturas soltam a sua fúria. O sal, aspergido pelas chamas em borrifos, espirra crepitando sobre os membros. E já não é só nos membros, é sobre as próprias entranhas que é disparado como dardos.” (ALBERTO 2012: 39)

¹⁴ FÁBREGA GRAU 1953: 137 e seguintes.

¹⁵ “Abrasado de furor, Maximiano ordenou que fosse assado na grelha e que sobre ele fossem vertidos vinagre e mostarda. Quando foi cumprido aquilo que ordenara, tais tormentos não causaram qualquer dano ao santo homem, pois a misericórdia de Deus prestara-lhe auxílio.” (FIGUEIRAS 2013: 64.)

De novo parece evidente que a adição de vinagre e mostarda se destina sobretudo, do ponto de vista do hagiógrafo, a exacerbar o sofrimento intenso a que é sujeito o mártir, ao mesmo tempo que se sublinha por oposição a crueldade sem limites do perseguidor, que é, recordemo-lo, o próprio imperador. Não nos deixemos pois entusiasmar demasiado com palavras como “vinagre e mostarda”, que além do mais contêm óbvias reminiscências bíblicas, e concentremo-nos na oração *Maximianus, accensus furore, iussit eum in craticula assari*, que contêm uma forma verbal, *assari*, que remete com toda a clareza para o campo semântico da culinária, mas também para um dos procedimentos finais do ritual do sacrifício romano, com o assar das carnes das vítimas. O mártir parece, pois, ser preparado à maneira de uma vítima sacrificial romana, primeiro eviscerado, depois assado. Por outro lado, convém ter em conta o antigo uso medicinal da mostarda, usada como desinfetante, o que não exclui portanto uma vez mais a possível atribuição por parte do hagiógrafo de uma intenção por parte do torcionário no sentido de preservar o corpo e assim prolongar o espectáculo e o sofrimento. Em ambas as ocasiões, contudo, o santo acaba por ser miraculosamente reconstituído, símbolo da vitória cristã sobre o paganismo e os seus rituais.

O tormento da grelha é, contudo, um tópico hagiográfico, cuja variante mais célebre é sem dúvida o de São Lourenço, diácono romano cujo martírio a tradição assinala ter ocorrido a 10 de Agosto de 258, durante as perseguições de Valeriano. A sua paixão, também ela épica, é também um bom exemplo de como estes textos se vão constituindo, camada por camada. Com a particularidade de neste caso ser possível estabelecer, sobretudo depois dos inestimáveis trabalhos de G. N. Verrando, uma cronologia destas adições¹⁶. Recordemos os pontos essenciais desta paixão. No dia 6 de Agosto de 258, na sequência das ordens imperiais no sentido de prender e executar a hierarquia cristã, o papa Sisto II é preso. O seu diácono Lourenço chora lágrimas frustradas, pois também ele aspira ao martírio. Sisto consola-o, profetizando-lhe a glória para daí a 3 dias. Entretanto, o prefeito Públio Cornélio Secular, que ficara em Roma com plenos poderes enquanto os imperadores se encontravam em operações militares nos limites do Império, prende Lourenço e ordena-lhe que lhe entregue as riquezas da Igreja. O diácono simula obedecer, mas em vez das pedras preciosas e do ouro, o que entrega ao prefeito são os pobres e doentes de Roma. Furioso por ter sido vítima deste dolo, o prefeito determina então que Lourenço seja assado lentamente numa grelha sobre brasas. É na sequência deste horrendo tormento que Lourenço, impassível e sorridente, lança aquela que é porventura uma das mais célebres tiradas da literatura hagiográfica: “Assum est, uersa et manduca”.

¹⁶ cf. VERRANDO 1990 e 1990.

8. [...] Tunc iussit eum Valerianus in conspectu suo uiuum in craticula assari. Quumque assaretur, ita hilari facie benedicebat Deum, ut omnes mirarentur eius constantiam. Ait ad illum Valerianus: “Quid nunc dicis Laurenti?” Laurentius sanctus dixit: “Assatum est, uersa et manduca.” Ait ad eum iterum Valerianus: “Vbi sunt ignes, quos tu diis promiseras?” Laurentius sanctus respondit: “Disce, miser, quanta uirtus sit Domini nostri Iesu Christi, nam carbones isti non dolorem, sed refrigerium michi prestant; accusatus non negaui; interrogatus, Christo confessus sum; assatus, gratias ago.” Et haec dicens, emisit spiritum.¹⁷ (ed. FÁBREGA GRAU 1955)

Mais do que os exemplos até agora percorridos, encontramos nesta famosa tirada de São Lourenço a referência clara ao alimento, neste caso o seu próprio corpo. Lourenço assume-se assim como vítima sacrificial cujas carnes, após a assadura, são oferecidas de forma provocatória ao perseguidor. Ou poderemos ler antes aqui uma alusão ao “accipite et comedite” evangélico (Mat. 26:26)? A discussão pode não ter fim, nem será este o lugar adequado para a emprendermos¹⁸. Por ora assentemos na ideia de que sendo um dos episódios mais conhecidos em toda a literatura hagiográfica, trata-se no entanto de um anacronismo resultante de uma composição tardia. Com efeito, a perseguição decretada a partir de 257 pelo imperador Valeriano determinava a execução rápida, sem recurso a tortura, da hierarquia cristã. É o que se pode ler, por exemplo, na carta 80 de São Cipriano, bispo de Cartago, também ele vítima desta perseguição, ao bispo Severo. Quer isto dizer que o tormento da grelha é uma invenção tirada da imaginação piedosa mas fértil dos homens que compuseram estas narrativas? Longe disso, infelizmente. O tormento da grelha é referido em vários autores como tendo ocorrido no Oriente, sobretudo durante as perseguições de Diocleciano, no início do século IV. Recordemos o caso dos santos Teódulo e Taciano, que na Frígia foram martirizados desta forma, durante o principado de Juliano o Apóstata. O caso é registado por Sócrates Escolástico e Sozómeno, historiadores eclesiásticos do século V (Respectivamente *Hist. Ecc.* 3.15 e *Hist. Ecc.* 5.11¹⁹), e ganha ainda mais relevância para o tema que aqui nos traz quando a tradição lhes atribui a tirada “Vira-nos, para não ficarmos mal passados”. O motivo da execução prendeu-se com o facto de os santos terem invadido e destruído um templo

¹⁷ “Então Valeriano ordenou que fosse assado vivo na grelha, na sua presença. E ao ser assado, de tal maneira de cara alegre dava graças a Deus, que todos admiravam a sua constância. Disse-lhe Valeriano: ‘O que dizes agora, Lourenço?’ São Lourenço disse: ‘Está assado: vira e come!’ Disse-lhe de novo Valeriano: ‘Onde estão as chamas que prometeras aos deuses?’ São Lourenço responde: ‘Fica sabendo, infeliz, quão grande é a virtude de nosso Senhor Jesus Cristo: é que estes carvões não me fazem dor, mas refrigério. Acusado, não neguei; interrogado, confessei Cristo; assado, dou-lhe graças. E assim dizendo, entregou o espírito.’” (SIMÕES 2013: 44-45)

¹⁸ Sobre estas e outras hipóteses explicativas v. GIANNARELLI ET AL. 2001: 21-22.

¹⁹ Apud GREEN 2008: 9.

pagão reaberto pelo governador local, o que nos permite lançar de novo a hipótese de uma relação com os rituais pagãos de sacrifício, aplicados de forma sádica como castigo pelo desrespeito para com as divindades. Poderá ser esta a fonte principal da mais célebre versão, a que foi posta na boca de São Lourenço? A verdade é que ela surge pela primeira vez no *De Officiis Ministrorum* (1.41) de Santo Ambrósio de Milão, composto em finais do século IV, obra de onde aliás são retirados largos passos da paixão de São Lourenço na sua versão mais completa. Por outro lado, não a encontramos nos manuscritos mais antigos da paixão, sintoma de que se trata de um acrescento provavelmente nascido da pena do bispo milanês e introduzido na versão mais antiga da paixão²⁰. Trata-se, em qualquer caso, de um tópico hagiográfico que reencontramos na paixão visigótica de Santa Eulália de Mérida (BHL 2700), de composição datável dos séculos VII/VIII²¹. De entre os vários suplícios relacionados com o fogo a que é sujeita, assinalemos este, que recorda indubitavelmente os passos que temos vindo a comentar:

Calpurnianus preses dixit: “Candelas incendite et ad genua eius ponite”. Eulalia beata respondit: “Vstulatum est corpus meum et fortis inuenta sum: sal iube miti, ut plenius in Christo possit esse conditum.”²²
(ed. RIESCO CHUECA 1995)

Neste como nos casos anteriores, mais concretamente os de Cucufate e Lourenço parece haver uma associação entre o sacrifício do mártir e o sacrifício ritual romano, com o assado do corpo e a sua oferta enquanto alimento. Se nos casos de Vicente e Cucufate a alusão é breve e centrada quer nos condimentos lançados sobre o corpo queimado quer sobretudo no recurso a vocabulário próprio da culinária, já Lourenço e Eulália se dirigem aos perseguidores assumindo os seus corpos como alimento. É no destido a ser dado a este alimento, contudo, que reside a principal diferença entre os dois casos: se Lourenço ordena ao perseguidor que o coma, provavelmente um sarcasmo dirigido contra o hábito romano de consumir as carnes sacrificiais, já Eulália, sem pôr de parte alguma ironia, destina o alimento do seu corpo a Cristo. Em qualquer um destes casos, contudo, parece-nos lícito identificar uma intenção unificadora por parte dos hagiógrafos: o ataque ao perseguidor, a sua redução ao estado mais animalesco, a acusação de canibalismo, apenas no

²⁰ Para um maior desenvolvimento sobre estes problemas veja-se VERRANDO 1990: pp. 145-187 e GREEN 2008: 1-15.

²¹ FÁBREGA GRAU 1953: 82 e seguintes.

²² ‘O governador Calpurniano disse: “Acendei velas e aplicai-as aos seus joelhos!” Respondeu a bem-aventurada Eulália: ‘O meu corpo foi queimado, e viu-se que sou forte: manda que ponham sal, para poder ficar mais saboroso em Cristo!’” (SIMÕES 2012: 61)

caso de Lourenço completamente verbalizada, o auge da tópica diabolização dos juizes das paixões épicas.

São muitos os casos de utilização do vocabulário e da situação culinária nas paixões dos mártires, sobretudo nas de tipo épico. Os casos aqui apresentados pretendem apenas fornecer exemplos representativos da utilização deste universo culinário a um caso muito concreto: sem nunca perder de vista que ao oferecer o seu corpo como alimento o mártir tem em mente a Paixão de Cristo, que na Última Ceia também ele ofereceu o seu corpo²³, verificamos aqui a acusação implícita de canibalismo às autoridades romanas, sem dúvida um processo mais na construção do retrato do juiz enquanto possuído pelo demónio, tão típica destas paixões tardias.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Fábrega Grau, A. (1955), *Pasionario Hispánico*. Vol. II, CSIC, Barcelona-Madrid
- Riesco Chueca, P. (1995), *Pasionario Hispánico*, Universidad de Sevilla – Secretariado de Publicaciones, Sevilha.
- Saxer, V. (2002), “La version commune de la Passion de S. Vincent BHL 8628-8631, Édition Critique”, in *Saint Vincent, diacre et martyr: Culte et legendes avant l’an mil*, *Subsidia Hagiographica* 83, Societé des Bollandistes, Bruxelles, pp. 183-226.

Estudos e traduções

- Aigran, R. (2000), *L’Hagiographie. Ses sources – Ses méthodes – Son histoire*, *Subsidia Hagiographica* 80, Societé des Bollandistes, Bruxelles.
- Alberto, P. (2012), *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal*. São Vicente, Traduváriuus, Lisboa.
- Alwis, A. (2003), “The Luxeuil connection: *The Transmission of the Vita of Julian and Basilissa*”, in Herrin, J.; Harris, J.; Dendrinos, C., (eds.) “*Porphyrogenita*”: *Essays on the History and Literature of Byzantium and the Latin East in Honour of Julian Chrysostomides*, Londres, pp. 131-136.
- Delehaye, H. (1921), *Les Passions des martyrs et les genres littéraires*, Societé des Bollandistes, Bruxelles.
- Fábrega Grau, A. (1953), *Pasionario Hispánico*. Vol. I, CSIC, Barcelona-Madrid.
- Figueiras, I. (2013), *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal*. Santa Justa, Santa Rufina e São Cucufate, Traduváriuus, Lisboa.

²³ Mat. 26:26.

- Giannarelli, E; Benvenuti, A; Baldasseroni Battigelli, C. (2001), *Il diacono Lorenzo. Tra storia e leggenda*, Edizioni della Meridiana, Florença.
- Green, D. B. (2008), “The martyrdom of st. Laurence reconsidered” in *English Benedictine History*, 34.
- Simões, A. (2012), *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal*. Santa Eulália, Traduvárius, Lisboa.
- Simões, A. (2013), *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal*. São Lourenço, Traduvárius, Lisboa.
- Simões, A. (2015), *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal*. São Julião, Traduvárius, Lisboa.
- Verrando, G. N. (1990), “Alla base e intorno alla più antica Passio dei Santi Abdon e Sennes, Sisto, Lorenzo ed Ippolito” in *Augustinianum* 30.1.
- Verrando, G. N. (1991), “«Passio SS. Xysti Laurentii et Yppoliti» La trasmissione manoscritta delle varie recensioni della cosiddetta Passio vetus” in *Recherches Augustiniennes* 25.